

## Tempoé

JOÃO FILHO

**A**zul amanhece, vamos comprar frutas num feirão aqui perto. Ela acordou virada:  
— Se a eternidade sempre existiu, então matéria é tempo? E o que não é tempo? — Analee indaga.

— Não sei se o tempo passa, mas que a vida vai, vai. O único real tangível é o corpo presente se ainda respira.

— Como?

— Faça uso da faca, se sangrar... é filosofia crítica.

— E se não?

— Ai é cética.

— Qual o moto-contínuo do eterno? O que se autogera-devora?

— O Incriado nos observa e ri, Analee. A física é poesia pura, minha querida. Não foi Pessoa-Campos que disse que “o Binômio de Newton é tão belo como a Vênus de Milo? O que há é pouca gente para dar por isso”.

— Então o maior poeta do finado século XX foi Einstein?

— Talvez.

Os pregões dos hortifrutigranjeiros retinem. Ela apalpa uns tomates, cata uns caquis, xinga o abacaxi por tê-la espetado pela coroa, lembra e zomba do verso dum contemporâneo ao ver a berinjela. “A berinjela irradia um sol às avessas”, puáh – Cita e cospe.

— Assim você limita a imaginação dos poetas e dá corda pros físicos.

Ela coça a cuca e volta à carga:

— Well, poetas deliram demais, inventam mundos particulares. Idealistas pela causa perdida: dizer o indizível. Coitados.

— E o que fazem físicos, astrofísicos e afins? Buracos negros? Big Bang? Universo que se expande e se retrai feito cloaca?

— Sempre achei que imaginação fértil era a que dava conta de tudo isso. Não entendo o vazio-vazio apenas. Mesmo no lugar do oco tem que haver... algo. O que havia antes da tal explosão (poetas e físicos adoram detonar, né)?

— Razão teve seu Zé.

— Quem?

— Brincadeira. É esta minha falsa intimidade com Aristóteles, que dizia que há algo de irracional nas ciências da natureza. E também que o infinito quantitativo é só potencial, nunca atual. “Uma esfera cujo centro está por toda parte e cuja circunferência está em parte alguma.”

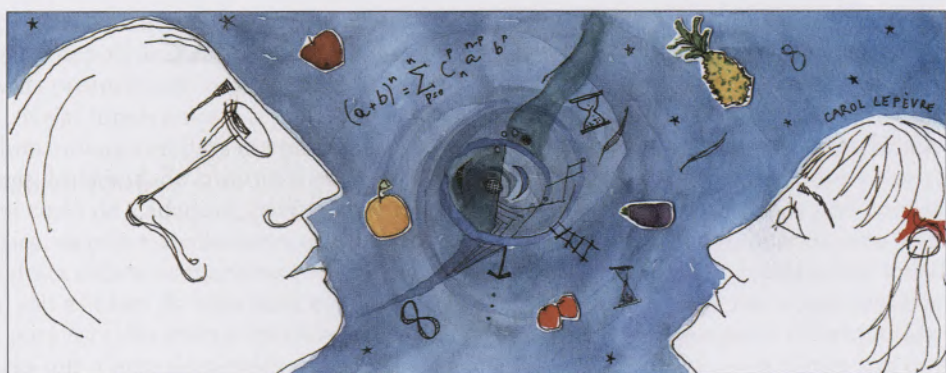
— Isto é Nicolau de Cusa, seu espertinho.

— Hããã!! Espertinha é você, uma menina de 13 anos e já com essas bizarrices na cachola. Não deve ter dormido. Passou a noite lendo novamente, né? Olha, olha! Eu tomo os livros, tranco a biblioteca, te sapeco um castigo.

— A biblioteca não, pai, por favor!

— Como é que pode? Eu sei, eu sei. Você não é mais um desses cérebros podres aos bilhões que cabeceiam por aí. Mas não exagera, né, Analee? Metafísica logo de manhã? E ainda nomeia minhas citações?

— Por que nomeamos tanto?



— Para não nos perdermos. Muito.

Fim de feira, sacola cheia, sol a pino, voltamos pra casa. Almoço no pique, ela calada, mas inquieta. Quem esta menina puxou? A mãe não foi, que era uma fútil. O avô tampouco, um bruto.

— Puxei você, pai.

— ‘Tá lendo pensamento agora é?

— Não. Causa e efeito: conheço este enrugado de testa. Well, é preciso uma impulsão ou combustível. *Grosso modo*, nós temos o almoço. Mas e o eterno?

— Não sei, minha querida. O que sei é que o homem é apenas incerteza.

— Hei! Isto é Heródoto.

— Eu já te disse, sapeco um castigo.

— Pois para mim a ciência só será perfeita, como dizem, quando inventarem o teletransporte.

— Analee, haverá sempre o Grande Mistério. Aquele algo que nem ciência, filosofia e derivados irão penetrar.

— Mas vamos chegando bem perto, né?

— Não. Acho que nunca estivemos tão longe.

— Quem lavará os pratos?

— Causa e efeito, mocinha: eu lavo, você enxuga.

Clima ameno, brisa mansa, ótima pra digestão:

— E o depois, do depois, do depois? É o que diz aqui este livro? A hipótese Deus?

— Analee, Sir Richard Burton que andou pelo mundo e passou pela Terra dos Glúteos Avantajados.

— Hã?!

— Digo, pelo Brasil, no século XIX, estudioso das religiões, dizia que quanto mais se aprofundava em suas pesquisas percebia que o homem só adora a ele mesmo.

— É, prefiro ficar com o teletransporte.

Tardinha toda assim, inquirindo o que é ser-estar no mundo, matéria-tempo-espaço o que são etc. etc. Noite avança, Analee, sonolenta no sofá com um livro aberto no colo, enquanto a coloco na cama, cubro com lençol, beijo de boa-noite, entre bocejos ainda indaga:

— Pai?

— Que é?

— Primeiro foram os dinossauros, depois e até agora somos nós, humanos, será que as baratas vão dominar a terra depois que tudo explodir?

— Amanhã eu respondo.

— E se tudo explodir nessa madrugada?

— ...

---

*JOÃO FILHO* é poeta e prosador, nasceu em 1975 em Bom Jesus da Lapa, BA, onde mora até hoje. Foi vendedor de biscoito, de leite, balconista, carregador, oficee-boy. Publicou em 2004 o livro de contos *Encarniçado*.